

68

JUL. 2022

O PIONEIRO

ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS E PENSIONISTAS DA RTP



ÍNDICE



ESPECIAL
PÁG.03

BOLETIM DE INSCRIÇÃO
PÁG.14- PÁG.15



UMA VEZ POR OUTRA
PÁG.04 - PÁG.05

ANIVERSÁRIOS
PÁG.16- PÁG.17



NOTÍCIAS
PÁG.06 - PÁG.09

OBITUÁRIO
PÁG.18



MEMÓRIA RTP
PÁG.10 - PÁG.11

CONTACTOS
PÁG.19



LAZER
PÁG.12 - 13

FICHA TÉCNICA

PIONEIRO 68 /Julho 2022

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DOS REFORMADOS E PENSIONISTAS DA RTP

Responsável pela edição - Carlos Mourisca

Colaboram nesta edição: Carlos Mourisca, Vasco Hogan Teves, Diamantino Pereira.
Impressão: Reprografia da RTP



"No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...
Ah, os sentidos, os doentes que vêm e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos ... "

Fernando Pessoa



Vasco Hogan Teves

UM CERTO 14 DE JULHO

Militares alemães de regresso a Paris. Agora em paz.



Era a minha 6ª vez em Paris, mas só então experimentando as disponibilidades próprias do turista. Assim me sentia, com efeito, já que de estadas anteriores só tinha para recordar amarras a compromissos profissionais que, ainda que meritórios pelo interesse e pela aprendizagem – há que dize-lo – como foram as reuniões a que compareci, no âmbito de actividades da UER/Eurovisão ou do Grupo da Universidade de Manchester, vocacionado para a temática da Informação. Tarefas que não proporcionavam ‘escapadelas’ aos respectivos programas e que, sob o primado do rigor, jamais me tinham permitido que se me revelasse uma cidade que eu tanto desejava conhecer bem. Julho de 1994 iria, finalmente, dar satisfação a um tal desígnio – pessoalmente considero-o honesto em relação a qualquer cidade do mundo. Mas... Paris...

Instalei-me, com minha mulher, num pequeno hotel à beira do boulevard Haussman (vá lá um pouco de erudição: trata-se do técnico

que está para a história de Paris como Manuel da Maia está para a de Lisboa, pois ambos deixaram suas marcas na geografia das cidades respectivas). Estávamos num hotel de bairro, convencionalmente sóbrio, preservador da sua época (anos 30?), mas confortável, boas as áreas e, principalmente, muito central para as movimentações turísticas. Óptimo, portanto, para avançar para as jornadas da descoberta, complementadas pela luz solar que, então, inundava a cidade, confortável, também, numa meteorologia que prometia benevolência, isto a par com a mescla de sons que crepitava pelas ruas – presença de vida que o pode ser mesmo no que é inerte.

As bocas várias da rede de metro foram-nos levando a sítios selecionados ao serão (já sobre a madrugada, pois quem pode desdenhar as noites de Paris) para serem cumpridos na manhã próxima. Dispenso o amigo leitor de supérfluas descrições dessas rotas, mas concedo nota de que o ‘American Express’ terá sido um guia que deu devida ordem aos nossos objectivos. Fora das previsões estava, porém, o que acabou por marcar esta estada em Paris e que – agora o confesso – foi ponto de partida para a intenção desta crónica que, se até aqui divagante, penso que precisa para o enquadramento da narrativa que se segue. E esta assenta no 14 de Julho, dia nacional da França – recordo – que, mesmo a jeito, caiu a meio do nosso período de permanência, proporcionando-nos viver um momento particularmente relevante, mesmo histórico, como o consideraram as entidades oficiais francesas e que enorme relevo adquiriu nos órgãos de comunicação, parisienses em particular. O que se passou foi que na tradicional parada militar que, comemorando a data, se

mostra nos Campos Elíseos, incorporou-se um destacamento de forças motorizadas da já então unificada República da Alemanha – o que acontecia, pela primeira vez após o fim da segunda guerra mundial.

A mais célebre avenida de Paris era pois o cenário do desfile de militares representando o país que nos 54 anos que se completavam, e por aquele mesmo local, se tinham assumido como força de ocupação, em clara humilhação a uma nação cujo povo não admitia ser vencido. Nesse dia 14 de Julho de 1994, no sereno da sua manhã, o ar que corria enquadrava uma moderada reconciliação avalizada por espaçadas palmas quando os primeiros carros alemães contornaram o ‘Arco do Triunfo’, deixaram ‘l’Etoile’ e começaram a rolar Campos Elíseos abaixo. Lá mais para diante estava a tribuna adornada pelas figuras do Estado, sendo daí prever a mesma onda de emoções que rolava pelos milhares de assistentes, debroando a avenida. O nosso posto de observação fixara-se a uns 200 metros do ‘Arco’ e ficámos felizes com ele, pois viria a proporcionar-nos um momento inesquecível, aquele em que ouvimos “A Marselhesa” irromper da voz, única voz, de um considerável número de antigos combatentes, medalhados, casacos e bóinas do seu tempo de luta nas frentes externa ou interna da sua pátria. Eles ali estavam, mesmo na nossa frente, sendo que adiante de todos viam-se os mutilados. Foi um momento extremamente emocionante. Lembro-me de ter visto uma lágrima no rosto de minha mulher.

Terminado o desfile militar foi altura dos civis, o povo, tomar conta da rua. Literalmente. Os Campos Eliseos puderam, então, ser

Os Campos Eliseos reservados... a peões.



percorridos, a pé, por quem o desejasse e a ocasião única (pelo menos para nós) foi devidamente aproveitada. Sem receio de encontro com motorizados, lá fomos descendo, tranquilamente, gozando aquele fim de manhã tão marcado pelos sentimentos; lá fomos até ao obelisco da praça da Concórdia. Que confortante sensação de liberdade!

Dia de festa nacional pelas horas adiante com sinais disso mesmo, aqui e ali, em qualquer bairro de Paris. Nos mais populares (e aventurámonos por alguns) as luzes multicores, os florões pendiam sobre gente animada por música, dança, fogo de artifício, vinho, febras a estrugir na brasa. Se fossem sardinhas... era a Lisboa dos seus santos da tradição.

28 anos passados sobre esta Paris, 14 de Julho, o que te digo, leitor habitual das minhas escritas, é que me soube mesmo bem recordar.



A ARP/RTP COMEMOROU 34 ANOS



A tradição – mesmo quando teve de ser quebrada pelas adversas circunstâncias da pandemia – voltou a cumprir-se no mês de Maio. “A tradição tem muita força” – diz-se por aí e, cumpri-la, torna feliz todos os que, envolvendo-se, a levam por diante. Estamos a referir-nos, claro está, ao Almoço Anual de Aniversário que a ARP/RTP promoveu a 29 de Maio nos arredores da cada vez mais bonita cidade de Aveiro. À cidade chegaram os dois autocarros que fizeram estrada desde Lisboa, um; e desde o Porto, o outro. Local de encontro bem escolhido, pois estava favorecido pelas distâncias que sempre há que ter em conta quando se trata de reunir Associados das duas principais cidades do País. Tudo em boa harmonia no momento da chegada à cidade da Ria que, por ser então domingo, apresentava invulgar (?) rosto turístico, em inundação de luzes e de cores, garridas estas na proa dos moliceiros, em constante vai-e-vem. Não houve tempo demais para as fotos mas, ainda assim, foi nos telemóveis que se anicharam as imagens “para mais tarde recordar”. Mas se o cartaz turístico de Aveiro desdobrava várias soluções para a diversão, o entretenimento e a cultura, não é verdade que lá está um imperdível caminho para “uma boca doce” –

sejamos honestos: doces de ovos são os de Aveiro e mais nenhuns. E, assim sendo, que melhor pré-almoço? Comer na hora ou levar para a família acabou por marcar o ritual a que houve que dar pressa, pois os autocarros não esperavam. Adeus Aveiro! Quilómetros adiante fica Esgueira e um reencontro com o “Solar das Estátuas” (a ARP/RTP já lá tinha estado, faz 9 anos).

Os Associados de Lisboa e do Porto, alguns familiares e amigos; e uma meia dúzia de convidados (entre estes os amigos da Associação da Rádio, Marques Maria e Lurdes Brandão) compuseram a sala, logo se iniciando o saudável convívio que tanto caracteriza encontros como este. Animada foi a festa e ainda mais animada ficou com a ‘exuberante exibição’ de certa colega da ARP/RTP-Porto. Aniversário pede bolo e, na verdade, marcou ele uma grande (e saborosa!) presença. Cantados os parabéns, por um coro (algo desafinado) foi então altura do presidente Vasco Hogan Teves proferir breves palavras de circunstância, no termo das quais se começou a pensar no regresso. Foi bonita a festa, pá!





CONVERSA COM O LEITOR

O amigo Mário Pinheiro mostra-se leitor atento do nosso *O PIONEIRO* – e temos fé que muitos outros haja – pelo que o reparo que faz (e que agradecemos) a uma das fotos inseridas na última edição, na secção ‘Memória RTP’, tem todo o sentido e oportunidade. O Teves fica-lhe grato pela informação que complementa (e completa) a legenda de uma das fotos evocativas do velho arquivo áudio - visual da RTP. É aquela em que ele devia ter dado nome aos 3 companheiros, com os quais tanto privou e tantas vezes o ajudaram nos seus trabalhos como jornalista. Devia mas não deu, pelo que não é tarde para o fazer agora, recordando serem eles o Mestre, o Sanches e o Lister (da esquerda para a direita). E já agora, Mário, uma retribuição do abraço que enviou para toda a equipa de *O PIONEIRO*.

Um lamentável lapso caiu sobre a notícia que, no último número de *O PIONEIRO*, chamava a atenção para ‘os admiráveis 100 anos (agora já 101) da nossa associada Maria Fernanda Marques Martins. Lapso que foi este: ausência da fotografia a que se refere o penúltimo parágrafo da prosa. E, assim sendo, há que reparar o que é devido – aqui vai a fotografia cedida pelo Francisco Silveira e na qual se vê a Maria Fernanda ao lado do marido, o Eng.º Simões Martins (este à direita, ela a seu lado – como sempre esteve, acrescentamos nós).





Diamantino Pereira

A MINHA PASSAGEM PELA RTP E ALGUNS ACONTECIMENTOS (II)



Estive no Japão duas vezes, uma com o ministro Ferreira do Amaral (Tóquio) que deu para subir quase até ao cimo porque o resto era gelo (Monte Fiji, era por onde se orientavam os aviões de guerra para bombardearem a cidade de Tóquio).

A outra vez que fui ao Japão com o primeiro ministro, Dr. Mário Soares, deu para visitar Tóquio e Ozaca. Visitámos a fábrica do Toyota, e depois fomos para Nagasaki, onde nos receberam muito bem. Foi-nos servido um jantar com uma pequena piscina dentro do salão em que se cruzavam dois bloco de gelo que rodavam e no seu interior um tinha a bandeira japonesa e o outro a bandeira portuguesa. Lá esteve também um grupo representando o orfeão de Coimbra.

Fui à Coreia do Sul também com Dr. Mário Soares. Num dia que estávamos livres fomos ao paralelo 38 para entrarmos na Coreia do Norte, mas não nos deixaram, pois só com uma autorização que levava a passar oito dias. Recessamos a Seoul, onde tinha ficado o resto da comitiva.

Mais tarde fui à Rússia, Moscovo, no governo de Grobachev, com Dr. Mário Soares. Entre outras cidades fomos a Azerbaijão, junto ao Mar Negro, onde visitamos os poços de petróleo. Depois, quando saímos do avião para irmos para os veículos que nos esperavam para nos levar ao hotel, depois de arrumar as malas no carro que estava destinado aos elementos da RTP, verifiquei que estava no meu lugar a jornalista do 'Expresso' Maria João Avilez, que não quis sair para eu me sentar. Fui para ir para o autocarro que transportava a comitiva mas este arrancou e fiquei ali só, a 50 kms do hotel de destino. Depois de várias

'démarches' no aeroporto local, verifiquei que estava sozinho e tentei desenrascar-me, até que ali encontrei uns polícias da segurança da KGV. Com dificuldades naturais de comunicação em russo lá me fiz entender com as autoridades em francês (ali pouco se falava em inglês, na altura). Depois de um longo interrogatório, transportaram-me ao hotel. Recordo-me que, quando ao chegámos eu disse que já via os colegas, mas só depois de se certificarem junto da recepção do hotel, que eu fazia parte da comitiva os kGV se despediram de mim.

Também fui a Macau por três vezes; uma fazer o grande prémio de Macau, com Adriano Cerqueira; ali fizemos, também, um programa sobre a indústria de Macau e outra para fazer o grande prémio de automobilismo de Macau.

Fui à China com o primeiro-ministro Cavaco Silva, fizemos Pequim, Muralha da China, Terra Cota, Xangai, Cantão, e daqui para Macau, de automóvel, onde permanecemos 3 ou 4 dias. Saímos de barco para Hong Kong (que já tinha visitado quando do rali de Macau) e daí para onde almoçamos a bordo de um barco no rio que atravessa esta cidade. Depois seguimos para Lisboa, via Paris.

Fui a Moçambique, mais propriamente a Maputo, quando da morte de Samora Machel, onde estivemos 17 dias, porque aproveitamos para fazer um apontamento sobre a cidade.

Fiz o voo inaugural Lisboa - Casablanca, com o ministro dos transportes e estivemos em diversas cidades, como Fez, Jazidas, Marraquexe.

Fui ao Canadá fazer um programa com o jornalista Rui Araújo sobre a vida dos portugueses que ali se tinham instalado nos anos em que os mesmos ali faziam a pesca do bacalhau, mas como entramos para a CEE a pesca foi proibida e a maioria dos portugueses que ali se fixaram com comércios e hotéis estava tudo a abrir falência. Recordo-me que ali existia uma grande igreja de Nossa Senhora de Fátima com uma linda imagem da mesma. Por lá permanecemos 7 dias.

Na Europa fui várias vezes a vários países, começando por Espanha. Fui na 1ª visita que o presidente da república, Ramalho Eanes, fez depois de instalada



a democracia. Fui ainda ao Luxemburgo, Holanda e França fazer um programa sobre cientistas portugueses espalhados pelo mundo.

A minha última viagem foi à Guiné, altura em quem governava o país era Nino Vieira. Fomos fazer um programa com a jornalista Isabel Costa, sobre etnias onde se sofreu um pouco, especialmente fora de Bissau, pois carros para nos transportarmos não havia. Felizmente uma construtora portuguesa que ali estava instalada, alugou-nos uma carrinha de caixa aberta com 4 lugares na cabine, e assim fomos á ilha de Coluano e Maio.

Em Coluano foi-nos emprestado um automóvel, dois cavalos, sem roda suplente, e um dia foi preciso ir buscar o chefe de uma etnia, para a mesma actuar, porque não o faziam sem a sua presença, fui buscá-lo a alguns quilómetros de distância, depois fui leva-lo, só que no regresso tive um furo, ali fiquei horas parado no meio da floresta á espera que passasse alguém que me ajudasse a resolver este problema, porque, nessa altura, não havia telemóveis, numa estrada onde me diziam que passava um ou dois automóveis por dia. Felizmente que duas horas depois passou o padre da zona no seu automóvel, e me transportou para junto dos meus colegas, que já desesperavam à minha espera. Fomos transportados para a pequena residencial que o filho de Nino Vieira, na altura ministro do turismo, mandou abrir e mandou para lá empregados por nossa causa. Então ali arranjámos uma roda sobresselente para ir buscar o carro, e, dias depois, fomos para Bissau, onde estivemos mais uns dias num hotel que era a antiga messe dos oficiais portugueses, antes da independência, que, parece-me, era gerido pela TAP. Daí saímos com destino a São Domingos, Susana e Varela, mas felizmente que o tempo que estivemos em Bissau íamos tomar café a um bar de uma italiana, e dissemos-lhe para onde íamos. Perguntou-nos onde íamos ficar, dissemos-lhe que íamos para umas instalações que eram as dos oficiais da marinha portuguesa. Disse-nos que estava tudo destruído por dentro o que confirmamos, até ratos lá havia, e então deu-nos uma carta para entregar a uns italianos que andavam a construir um motel na praia de Varela, e que lhe pedia para nos hospedar.

Lá nos hospedaram com alimentação, em dois contentores, e ali estivemos 10 dias Recorda-me que

entre várias reportagens que fizemos uma delas foi o funeral de uma senhora que, depois de morta, a sentaram num patamar feito em bocados de madeira, amarrada para se conservar direita e cantavam e bailavam á sua volta mandando vinho de palma e arroz para os seus pés. Perguntei porque faziam aquilo e disseram que a nossa irmã deixou de sofrer, e por isso faziam a festa. No último dia estávamos para vir embora para Bissau, caiu uma ponte na única estrada por onde devíamos passar para Suzana, São Domingos e Bissau. Voltamos para trás, e foi mais uma vez os italianos que nos desenrascaram, disseram-me sigam-nos, e fomos atrás deles por uma picada alguns 30 quilómetros a cortar mato, até entrarmos na estrada que vem do Cabo Sekrine para a cidade de Zanginxor, e agora ali, sem passaporte autorizado para circular no Senegal. Quando entramos na cidade de Zanginxor, com os italianos á nossa frente, fomos mandados parar pela polícia, mas o que nos valeu foram uns pretos que o italiano levava no carro e que conheciam o polícia, e nos mandou seguir sem nos identificar.

Quando chegamos á fronteira com Guiné, o italiano disse-nos para准备 uns 50 dólares para dar ao chefe do posto. Quando lhe apertei a mão já levava os 50 dólares, ficou todo contente mandou seguir logo, é que estes correspondiam a um mês de ordenado ou mais. Seguimos via São Domingos, e depois Bissau, só que pelo caminho, de vez em quando, uma corda estava a atravessar a estrada, e apareciam uns pretos a dizer que era uma portagem, e lá tínhamos que pagar e depois de várias peripécias chegamos a Bissau, depois regressamos a Portugal pois já ali permanecíamos há 31 dias.





Vasco Hogan Teves



Em Fevereiro de 1957 a RTP realizou a sua primeira grande reportagem: a visita a Portugal da rainha Isabel II do Reino Unido. Reportagem integralmente realizada sob suporte filme (é pura ‘invenção’ afirmar-se, o que é vulgar acontecer, que se tratou do primeiro directo), trabalho que mereceu comentários muito favoráveis, até da já experiente BBC que, aliás, se socorreu de algumas das imagens recolhidas pelas equipas ao serviço da RTP. Lembro o facto – que, de certo modo, está na origem do início das emissões regulares de TV no nosso país – mas sou forçado a deixar um lamento: a RTP 1, assinalando recente data festiva da rainha, apresentou um documentário evocativo das duas presenças de Isabel II entre nós. Tudo bem, se não o facto de nem ao longo do texto e das imagens não ter sido feita uma única referência à cobertura pela RTP e à importância que ela teve. Deplorável a ‘ignorância’, ou será que o presente dispensa o passado? ...

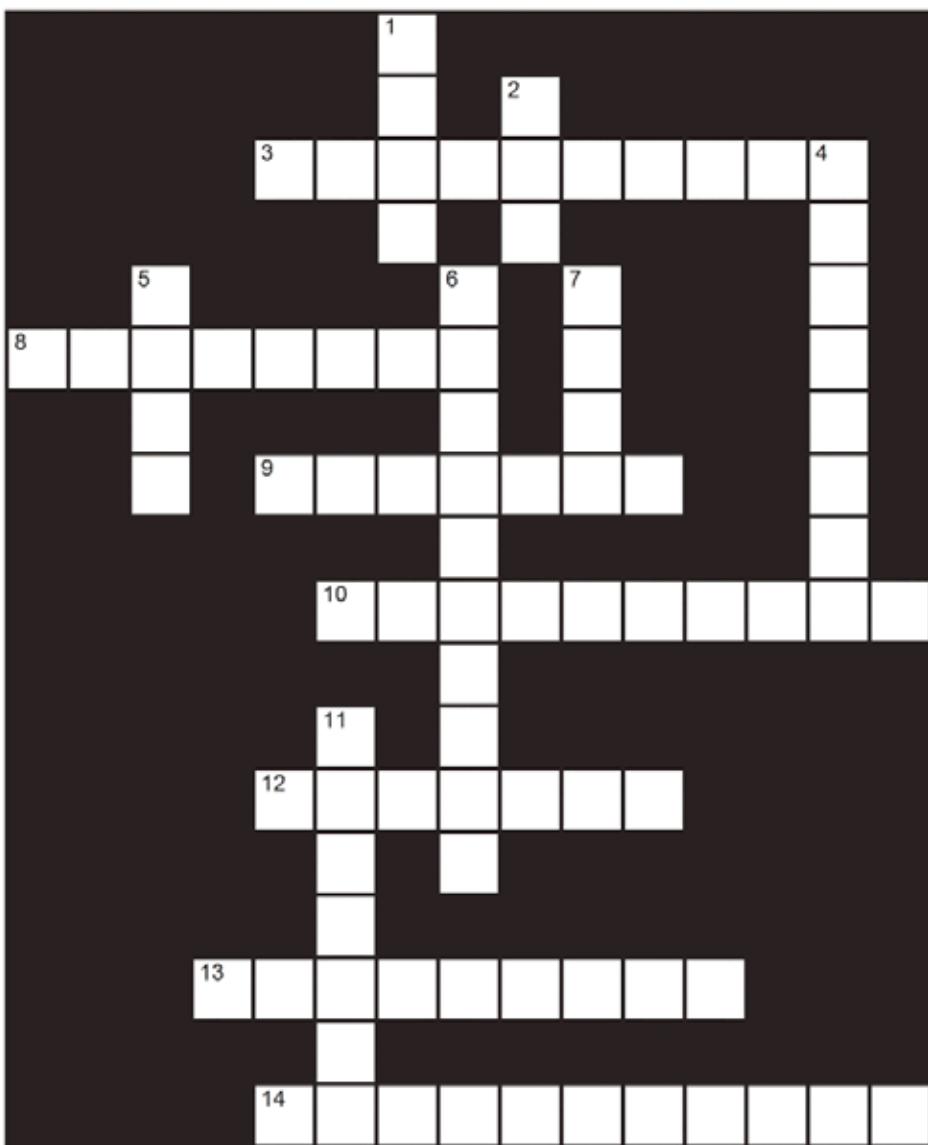
Outra imagem que conta para a história da RTP: a cerimónia da entrega por Portugal ao Brasil dos restos mortais de D. Pedro (22 de Abril de 1972). Tratou-se da 1^a transmissão directa intercontinental, via satélite, originada pela RTP. A partir do Rio de Janeiro (com a indispensável colaboração da TV brasileira) a RTP acompanhou todo o evento, com relato de Henrique Mendes, guiado pelo operador de som João Rodrigues. O autor destas linhas esteve lado a lado com eles, dois profissionais de primeira água, com quem soube bem partilhar o sucesso de uma transmissão que marcou passo importante na evolução da comunicação social portuguesa.



Há imagens que, como esta, lembram a descontração (máscara de nervosismo?) que precede a entrada dos artistas em emissão. Aqui os vemos, da esq^a para a dt^a: Tózé Brito, Teresa Miguel, Mike Sargeant e Isabel Ferrão... há 44 anos! Formavam um conjunto que teve época, aliás brilhante – os ‘Gemini’. Tão brilhante que até chegou a vencer o Festival RTP da Canção – 1978, com ‘Dai-Li-Dai-Li-Dou’ (sendo que, então, Fátima Padinha substituiu Isabel Ferrão).



Aqui já não há descontração. Bem pelo contrário. Um cantor, Carlos Mendes (acreditam, é ele mesmo) e um maestro, Joaquim Luís Gomes, estão compenetradíssimos nos respectivos trabalhos. A foto leva-nos, também, a um Festival RTP da Canção (este de 1968) e esta foi a equipa vencedora com um título que, hoje ainda, se ouve com agrado: ‘Verão’, um original de Pedro Osório e José Diogo. Talvez por ainda não ser verão, a canção recolheu, em Londres, 5 votos, apenas. Azares festivaleiros com que a RTP conviveu anos e anos.



Horizontais:

3- Tradição portuguesa (peditório realizado por crianças) no Dia de Todos os Santos (três palavras juntas, com til). 8- (...) e bolinhós/Para mim e para vós. 9- Para dar aos (...). 10- Que estão mortos e (...) /À bela, bela cruz/Truz, Truz! 12- A (...) que está lá dentro. 13- Sentada num (...). 14- Faz favor de s'levantar/Para vir dar um (...) (com til).

Verticais:

1- Se dão doces: Esta casa cheira a (...). 2- Aqui mora gente (...). 4- Esta casa cheira a vinho,/Aqui mora um (...). 5- Se não dão doces: Esta casa cheira a (...). 6- Aqui mora um (...). 7- Esta casa cheira a (...). 11- Aqui mora algum (...).



Procure em todos os sentidos, exceto na diagonal, as 12 palavras sublinhadas, no texto sobre o VERÃO.

O verão é uma das quatro estações do ano. É a estação mais quente, as temperaturas são mais elevadas e os dias mais longos. No hemisfério norte inicia-se a 21 junho e termina a 23 setembro, no hemisfério sul inicia-se a 21 dezembro e termina a 20 março. É a estação preferida para as férias.





BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

A Associação de Reformados e Pensionistas da RTP, fazem um apelo aqui no Jornalinho, para que todos os funcionários que estejam interessados em se inscreverem como sócios da nossa Associação, preencham o boletim que vem impresso no Jornalinho e entreguem à nossa secretária Elsa Carvalho, que depois explicará todos os procedimentos, para que venham fazer parte deste nosso grupo e família. É uma maneira de ajudar a nossa Associação, a ter mais sócios e termos mais gente para confraternizar e conviver. Temos boas iniciativas de convívio e de passeios. Façam com que a nossa Associação cresça e continue ajudar os seus associados. É esse o grande espírito e ambição desta Direção, que tem trabalhado nesse sentido. Não custa muito aderirem a este nosso projecto e apelo. Não se irão arrepender. Ficaremos aguardar pela vossa compreensão e adesão. Precisamos de todos vós para fazermos uma RTP, mais forte e mais coesa. Uma empresa que seja visível e credível aos olhos dos portugueses. Não poderemos deixar que desliguem esta grande Empresa de Comunicação Social que é a RTP. Um grande abraço amigo, a todos aqueles, que estiverem interessados em aderirem e se juntarem a nós.

Carlos Mourisca.



BOLETIM DE INSCRIÇÃO PARA SÓCIO(A)

Sócio efectivo

Sócio auxiliar

Nome _____

Residência _____

Cód. Postal _____ Localidade _____

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Telef. _____

SÓCIO EFECTIVO

São sócios efectivos:

Artº 4º - Os titulares de pensões referidos no nº 1 do artigo 3º dos estatutos (Reformados e Pensionistas da RTP)

Declaro que autorizo a RTP a efectuar o desconto mensal de 0,5% sobre o valor global da minha pensão, que deverá ser creditado à Associação de Reformados e Pensionistas.

Data ____ / ____ / ____

Assinatura _____

Reformado/Pensionista nº _____ / _____

SÓCIO AUXILIAR

São sócios auxiliares:

Artº 4º nº 2 - Os profissionais da RTP no activo.

Declaro que autorizo a RTP a efectuar o desconto mensal de _____, _____ € (a) que deverá ser creditado à Associação de Reformados e Pensionistas.

Data ____ / ____ / ____

Assinatura _____

(a) quota mínima € 2,50

Funcionário nº _____ / _____

São ainda sócios auxiliares:

Artº 4º nº 2 - Os ex-profissionais da RTP.

- quota mínima € 2,50

Assinatura _____

ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS E PENSIONISTAS

DIRECÇÃO

Aprovado(a) em Reunião de Direcção datada de ____ / ____ / ____

e à(o) qual foi atribuído o nº de sócio(a) _____

SECRETARIA

Criado em ficheiro o processamento do desconto da quota e foi

entregue um exemplar dos Estatutos em ____ / ____ / ____

Obs. _____



MUITOS PARABÉNS A TODOS!

JULHO:

Dia 1 - José Rodrigues, Álvaro Leitão Silva Lima e Fernando Pereira Xis
Dia 2 - João Francisco Ornelas Sobrinho
Dia 6 - Ana Paula Couceiro Neto
Dia 7 - António Patrício Rodrigues
Dia 14 - Maria Luísa Campos Calado
e António Correia Pinto
Dia 17 - António Libereiro
Dia 18 - Maria Elisa Ferreira, Maria Custódia Pires e António José Almeida Lopes
Dia 19 - Norberto Conceição Graça, Josefina Gabriela Duarte Costa e Alexandre Santos
Dia 20 - Jorge Naré
Dia 22 - Maria Isabel Castro Silva e António Guilherme
Dia 25 - Ana Isabel Fernandes
Dia 26 - João Almeida Duarte
Dia 27 - Fernando Marques
e Ana Paula Rodrigues Freire
Dia 29 - Maria Albertina Oliveira
Dia 30 - Maria Nazaré Catalão e João José Coelho

AGOSTO:

Dia 5 - Arnaldo Serafim e Carlos Alberto Pereira
Dia 7 - Teresa Ferreira, Feliciana Baião Neves
e Maria do Rosário Pinto
Dia 8 - Ana Maria Bernardo Marta e João Rodrigues
Dia 10 - Maria Onélia Guerreiro
e Antónia Margarida Santos Nunes
Dia 12 - Idalina Assunção Carvalho, Ana Fischer
e Maria Margarida Vilaverde Gaspar
Dia 13 - Jorge Ferreira Magalhães e Clarisse Santos
Dia 15 - Maria Laura Santos Ferreira
Dia 17 - Carlos Quinas, Maria Isabel Miranda
e Maria Aurora Silveira
Dia 18 - Maria Manuela Pereira Bastos
e Maria Zita Silva Pereira
Dia 19 - Carlos Alberto Henriques
Dia 22 - Maria Cristina Brito Maurício
Dia 26 - Maria Manuela Carvalho, José Pompeu
Almeida e Virgínia Guedes
Dia 28 - Emílio Gomes Pires e Vítor Basso
Dia 31 - Maria Helena Figueiredo



SETEMBRO:

Dia 01 - Maria Hermínia Medeiros e Ana Piteira
Dia 03 - Maria Manuela Jardim
Dia 04 - Isabel Maria Mendes
e João Leopoldo Rodrigues
Dia 07 - Maria Lurdes Zeferino e Ana Correia Pinto
Dia 09 - Hélder Sousa
Dia 11 - Judite Maia Graça
Dia 12 - Maria José Rolim Silva, Maria Jesus Sequeira
Campos e José Maria Lopes de Araújo

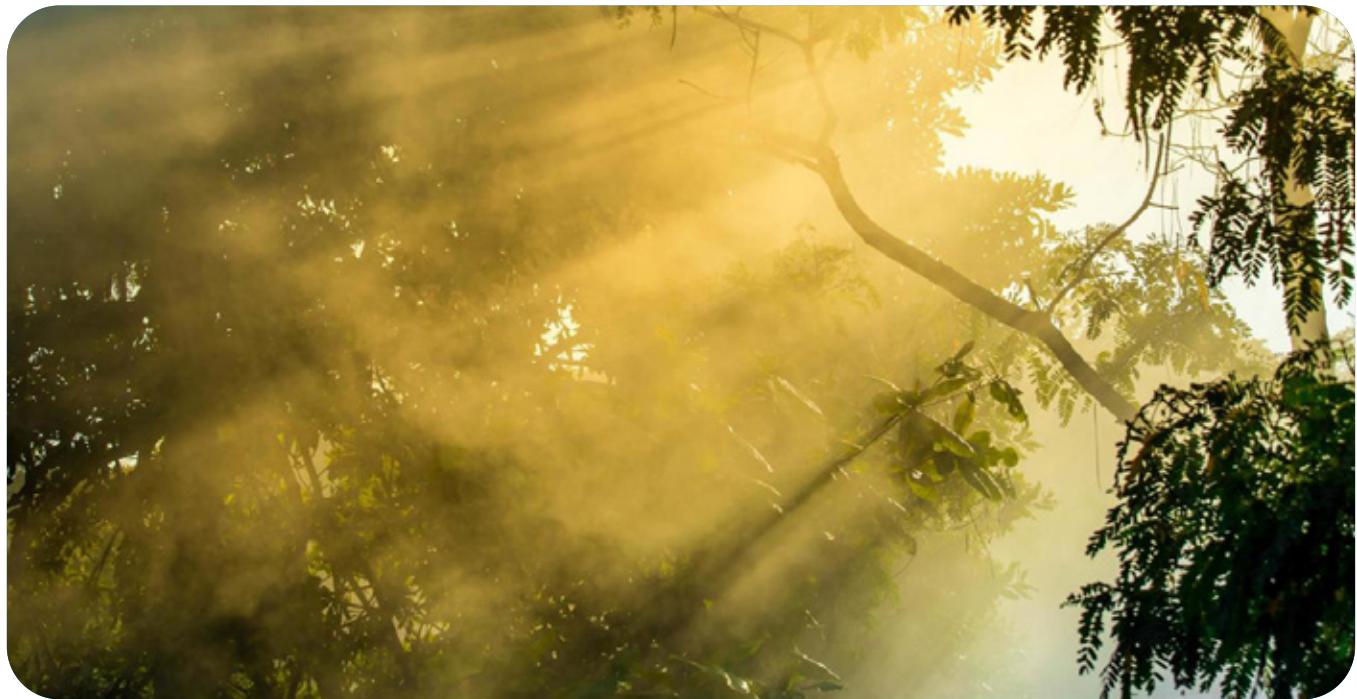
Dia 14 - Maria Zélia Alves Leite
Dia 15 - Vítor Manuel Pereira e Ana Maria Faria Ferreira
Dia 16 - João Universalino Rocha e Helena Felgas
Dia 17 - Zacarias Marcelo
Dia 19 - Firmino Antunes
Dia 20 - Isabel Mourisca
Dia 21 - Mário Braz Ruivo
Dia 24 - José Manuel Silveira
Dia 25 - Ofélia Alves
Dia 27 - Marília Soares Oliveira
Dia 29 - Maria José Amorim





COM SAUDADES

DOROTEIA ANA SILVA PEREIRA	15/4/2022	PENSIONISTA
AUGUSTO MARTINS ROSA	1/5/2022	REFORMADO
LEONILDE ALMEIDA CRUZ BERNARDINO	1/7/2022	REFORMADA
FERNANDO DIAS GUEDES	14/7/2022	REFORMADO





SOS

Número Nacional Europeu de Socorro – 112

INTOXICAÇÕES – 808250143

LINHA DE SAÚDE PÚBLICA –

Informação/Aconselhamento – 808211311

HOSPITAIS

Curry Cabral – 21 7924200

Egas Moniz – 21 3650000

Estefânia – 21 3126600

Júlio de Matos – 21 7917000

Maternidade Alfredo da Costa – 21 3184000

Miguel Bombarda – 21 3177400

Pulido Valente – 21 7548000

Santa Maria – 21 7805000

Santa Marta – 21 3594000

Stº António dos Capuchos e Desterro – 21 3136300

São José – 21 8841000

São Francisco Xavier – 21 3000300

CRUZ VERMELHA

Ambulâncias – 21 9404990

Hospitais – 21 7714000

BOMBEIROS

Chamadas de Emergências – 21 3422222

Incêndios (chamada gratuita) – 117

POLÍCIA (Lisboa)

- PSP – 21 7654242

Pólicia Judiciária (piquete) – 21 3574566 ou 21 3535380

Pólicia Municipal – 21 7825200

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

- Comando – 21 3217000

Transito – 21 3922300

Brigada Fiscal – 218112100

SERVIÇO MUNICIPAL DE PROTECÇÃO CIVIL

-Atendimento – 21 7224300

LINHA NACIONAL DE EMERGÊNCIA SOCIAL

-Ins. de Solidariedade e Seg. Social – 144

LINHA DO CIDADÃO IDOSO

Informação e encaminhamento – 800203531

EPAL – ÁGUAS

-Atendimento – 21 3221111

EDP – ELECTRICIDADE – Atendimento – 800505505

GLD – GÁS

-Emergência – 800201722

LOJA DO CIDADÃO

- 707241107

ASSOCIAÇÃO DE APOIO À VÍTIMA – APAV

-Nacional – 707200077

-Lisboa – 21 3587900

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DOS DIABÉTICOS DE PORTUGAL

-Geral – 21 3816100

ASSOCIAÇÃO ALZHEIMER DE PORTUGAL

-Geral – 21 3610460

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS DOENTES DE PARKINSON

-Geral – 21 385000041/2

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE HEMOFÍLICOS

Geral - 21 8598491

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INSUFICIENTES RENAISS

-Geral – 21 8371654

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE OSTOMIZADOS

-Geral – 21 8310587

LIGA PORTUGUESA CONTRA O CANCRO

-Geral – 217221810

IPO – NÚCLEO REGIONAL DO SUL

-Geral – 217271241

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

-Geral – 800202148

ASSOCIAÇÃO DE REFORMADOS DA RTP

- Elsa Carvalho – 21 7947959

- Fax – 21 7945772

- E-mail – arp@rtp.pt

GABINETE ASSUNTOS SOCIAIS DA RTP

-Dr. Ana Cristina - 217947720

GERAL DA RTP

-Telefonista – 21 7947000

